

Uns tipos do Porto tinham comprado um IBM 650

Fernando Alves Martins

Professor ... da Universidade ...

Presidente da Companhia IBM Portuguesa SA., (.....)

Da HICA recordo uma série de histórias engraçadas.

Eu saí da tropa em 1958 e fui para a IBM trabalhar numa actividade puramente comercial. Nunca ninguém se preocupou em ensinar-me fosse o que fosse a não ser o que era um computador. Mas fazia-se uma coisa útil que era “*partir as costas*” aos novatos com as máquinas de cartões perfurados.

Ao fim de uns meses largos de trabalho, disseram-me para ir a Paris frequentar um curso de computadores. Eu mal falava francês e, além disso, pouco sabia trabalhar com uma tabuladora ou com outras máquinas.

Fui então para Paris e voltei depois para Lisboa para o lugar que me estava destinado como comercial da IBM, ocupando então o lugar do Manuel Alegria. Depois de ter frequentado o curso, alcancei aquilo a que na IBM se chamava “*território*” e comecei a ter os meus clientes. Por exemplo, os cartões perfurados com que se pagavam então as taxas da televisão foram desenhados e instalados por mim.

Passados uns tempos, numa sexta-feira, disseram-me na IBM que havia uma coisa nova: uns tipos no Porto tinham comprado um IBM 650 e que eu era capaz de ter que ir para lá.

Na segunda-feira seguinte o **Dr. Januário, então director comercial da IBM**, estava à minha espera para me dizer que queria que eu estudasse a hipótese de uma máquina que tinha sido instalada no Porto, no nosso cliente Hidroelétrica do Cávado, fizesse todas as aplicações administrativas possíveis para além da utilização para cálculos científicos no que respeitava às barragens. As aplicações administrativas eram então o meu campo.

A minha tarefa seria ensinar a programar, escrever programas com os programadores, testar os programas onde fosse preciso e depois arrancar com a máquina para um senhor **Pierre Franco**, que veio de França para acompanhar o projecto científico.

O Dr. Januário disse-me ainda para responder que não, porque eu era vendedor em Lisboa e portanto não ia ser engenheiro de sistemas no Porto.

Passados três minutos o Sr. Sobral Dias, então administrador da IBM, veio dizer-me que gostaria de me pedir se eu poderia fazer o sacrifício de ir para o HICA no Porto durante algum tempo, dado que eu era a única pessoa em Portugal que conhecia o IBM 650.

Respondi-lhe que estávamos em 1959, que eu tinha os meus clientes em Lisboa, a quem não podia deixar sem assistência, e que não via maneira de poder responder ao serviço nos dois lados. Ele

sugeriu-me que apanhasse diariamente um avião da manhã para o Porto e regressava no avião da tarde. “Deixe-me pensar nisso”, respondi-lhe eu.

Entretanto encontrei o Dr. Januário e disse-lhe que o administrador já me tinha proposto ir para o Porto. O Dr. Januário perguntou-me se eu já tinha respondido o tal “Não”, e eu disse-lhe que tinha achado a proposta interessante. Esta minha resposta gerou uma grande guerra entre o director comercial e o administrador, o que reconheço que me deu um certo gozo.

Durante os três meses e meio de duração dos cursos apanhei todos os dias o avião da tarde para o Porto, dava os cursos aos formandos dos serviços administrativos da HICA, treinávamos e fazíamos testes de vários programas e preparávamos a análise das aplicações.

Nessa altura ensinei toda a programação do IBM 650, que era feita apenas em linguagem de máquina. O **Soap**, entre outras linguagens só apareceu quando eu acabei de dar o curso.

Depois tivemos a fase da programação e mais tarde, num famoso fim-de-semana, eu e todos os programadores fomos para Bruxelas.

Nessa sexta-feira era feriado em Bruxelas e o Centro de Cálculo de Bruxelas emprestava-nos o seu IBM 650 a partir das seis e meia da tarde de quinta-feira, e só precisavam dele às nove horas da manhã da segunda-feira seguinte. Nesse intervalo a máquina estava entregue à IBM Portuguesa para fazer os testes, *step by step*.

Lembro-me que o computador tinha um interruptor que, no caso em que uma pessoa trocasse o dedo e carregasse no botão do lado, estragava o teste e voltava tudo ao princípio. Fizemos uma directa desde quinta-feira à tarde até domingo à noite, quando o último programa funcionou.

Depois vim para o Porto já com a HICA como meu cliente.

Numa conversa que há pouco o Eng. Sousa Pinto mencionou, **eu falei uma vez com o Soares David e manifestei-lhe a minha preocupação de que aquele computador não tinha quase funcionamento, estava praticamente parado, só era usado algumas vezes por uns indivíduos com uns cartões. Disseram-me para não me preocupar porque por cada bocadinho em que a máquina era utilizada, estava a ser largamente paga.**

Tive então mais uma preocupação, porque casei-me na mesma altura em que instalámos o IBM 650 no Porto, que passado dois dias deu um problema qualquer e eu, que estava em lua de mel relativamente perto, tive de o vir resolver acabando por lá ficar uma semana ...

A HICA sempre foi para nós a perscrutora do cálculo científico. Mais tarde veio a Gulbenkian e começaram a haver outras instituições a fazer utilização de computadores. Uma vantagem que tenho sobre praticamente todos, é que continuo a utilizar o computador catorze ou quinze horas por dia. Mas naquela altura utilizava as horas que podia. Agora tenho sempre muitos computadores à minha volta, só PC's, numa tarefa que considero altamente meritória relacionada com a especialidade que tirei ainda na

IBM, a utilização das tecnologias de informação para deficientes. Trabalho por exemplo na Hellen Keler, onde faço toda a estratégia, planificação e ensino de professores para deficientes visuais.

Voltando ao IBM 650, foi aqui dito que este computador tinha uma grande vantagem: ocupava só uma sala - mas esqueceram-se da sala ao lado, que era a sala do ar condicionado, muito maior do que a sala do próprio computador, porque o computador era a válvulas.

A vida da IBM é uma vida estranha, uma pessoa um dia vai para o Porto fazer uma coisa e depois volta para Lisboa fazer outra completamente diferente. Toda a vida trabalhei assim.

Vou agradecer ao Prof. Arantes Oliveira por uma coisa que ele não sabe que fez. Sou um homem muito viajada, conheço o caminho entre o aeroporto e a IBM em quase toda a parte do mundo. Mas foi na minha quinta viagem a Londres que, pela primeira vez, encontrei o Prof. Arantes Oliveira em Piccadilly Circus, e graças a ele tive a oportunidade de conhecer um pouco de Londres.

Isto traz-me recordações dos meus primórdios na IBM e nos computadores, visto que sou um quase pioneiro dessa área.

É uma oportunidade extremamente boa este evento ter sido realizado agora, pois se esperarmos mais vinte anos, não encontram ninguém da primeira época. Foi portanto com um enorme prazer que participei nesta conferência, onde tive a oportunidade de rever e falar de companheiros que como eu foram pioneiros.

Recordo-me do Correia de Sousa e do Armando Paupérrio, entre outros, e todas as pessoas que estão aqui presentes, e que eu já conhecia dessa altura. Apesar de uma maneira diferente, todos nós trabalhámos para um fim comum - ajudarmo-nos uns aos outros. E todos nós trabalhávamos para as nossas organizações, por vezes antagónicas, mas que afinal eram complementares.